

28 MAI 1996

4A — JORNAL DA TARDE

Cloni Brazil

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-000
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297 — e-mail: jtarde@estado.com.br



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
 (1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
 (1927 - 1969)

Diretor-responsável
 FERNÃO L. MESQUITA

Diretores
 Julio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade
 Ruy Mesquita Filho

Diretor-superintendente
 Francisco de Mesquita Neto

Diretor-executivo
 Leão Serva

Diretor-comercial
 Roberto Crissiuma Mesquita

Editor-chefe
 Celso Kinjô

Diretor da Agência Estado
 Rodrigo L. Mesquita

Tolices nacionais e importadas

Desde que deixou de ser o czar todo-poderoso da economia nacional, lá se vão o que para ele devem ser 11 longuíssimos anos, o economista e deputado Antônio Delfim Netto não passa um dia sem empregar uma ou mais vezes a palavra *tolice* para comentar o que diga ou faça qualquer economista que não atenda pelo nome de Antônio Delfim Netto. Descontado o fato de que ao longo desses anos todos Delfim Netto tem superado qualquer concorrente em matéria de tolices ditas quase sempre com transparente ma-fé, muitas vezes ele tem razão quando classifica como tolice o que diz algum colega seu.

Nos últimos dias Delfim teria tido mais oportunidades do que em tempos normais para empregar sua palavra preferida se não estivesse politicamente interessado em endossar e reforçar as tolices nacionais e importadas proferidas no seminário promovido pela Faculdade de Economia da USP, do qual participaram dois famosos economistas estrangeiros, o alemão Rudiger Dornbusch e o norte-americano Jeffrey Sachs, especialistas em programas de estabilização e de desenvolvimento, que sempre conseguem atrair público numeroso para suas palestras. O que se viu na semana passada, no que se refere ao Brasil e em particular à situação atual e ao futuro do Plano Real, é que os economistas parecem ter desenvolvido uma fórmula de efeito perverso para eles, segundo a qual quanto mais famoso o palestrante e mais respeitável seu público, maior o risco de se dizer tolices. Isso se aplica a profissionais nacionais e estrangeiros.

Cobertos de títulos acadêmicos e do respeito internacional, nas universidades e na mídia, Dornbusch e Sachs estiveram no Brasil para dizer o que já sabiam todos os que acompanharam a crise econômica brasileira e acompanham com atenção o

andamento do Plano Real. "Eu não acredito que o Brasil possa atingir seus objetivos sem melhorar, consideravelmente, sua política fiscal", afirmou Jeffrey Sachs numa entrevista. Nem ele, nem ninguém que pense seriamente na necessidade de se estabilizar a economia brasileira. Já Dornbusch disse que "o ajuste fiscal está sendo muito limitado" e, por isso, "o País está controlando a inflação por meio de uma moeda muito valorizada" e os juros continuam "altíssimos".

São inegavelmente respeitáveis as credenciais acadêmicas apresentadas por Dornbusch e Sachs, mas não era preciso ouvi-los para se descobrir isso.

Isso já não passa de mera trivialidade. Se a persistência da inflação durante longo período e o fracasso dos planos de estabilização de caráter heterodoxo colocados em prática entre 1986 e o início desta década ensinaram alguma coisa de altamente positivo para a sociedade brasileira é o fato de que, enquanto não houver um equilíbrio estrutural das finanças do setor público, não se alcançará a vitória na luta pela estabilidade monetária. O emprego de artifícios, como políticas monetária e cambial apertadas, contribui de maneira decisiva para manter a inflação baixa, até por um período longo, como está ocorrendo desde o início do Plano Real, mas isso não é garantia de vitória definitiva.

O governo brasileiro faz desse ajuste fiscal, que só pode ser alcançado através da racionalização das estruturas do Estado, a pedra de toque do seu programa econômico. O que todos querem saber — e para isso as tolices dos economistas, inclusive as de Delfim, não trazem nenhuma contribuição — é como o governo pode conseguir as reformas estruturais que o Congresso Nacional até agora não parece disposto a aprovar.